

15. A castidade que espera o Esposo da Igreja

Quando se entende a pobreza como libertação de tudo o que impede o coração no abraço com Deus, então compreendemos que a pobreza não deve parar no espoliar-se de bens materiais. A pobreza deve penetrar o coração. São Bento se preocupa, ao longo de toda a Regra, com a pobreza de coração dos monges, ou seja, que vivam as Bem-aventuranças desde sua raiz: "Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus. (...) Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus". (Mt 5,3.8)

Isto comporta o voto e a virtude da castidade. A castidade é certamente uma renúncia, um desapego físico e emocional para amar o Senhor "com um coração indiviso". É também exigido um espírito de castidade aos que vivem o matrimônio, para que, entre os cônjuges, o amor permaneça livre e gratuito, e viver como um espaço onde o amor de Deus vem sempre em primeiro lugar e pode alimentar o amor humano.

A castidade consagrada implica uma pobreza de coração, como eu disse, porque renunciar a posse afetiva é mais radical do que renunciar a posse de bens. É uma pobreza interior na relação com as pessoas e com tudo. Por vezes é uma ferida, um luto profundo, um deserto da alma, uma solidão que permanece a espera de Cristo como o Esposo, que por vezes, "tarda em vir" (cf. Mt 25,5).

Vivida desta forma, a castidade participa da grande espera escatológica de Cristo, a espera do universo, de toda a humanidade, de toda a história. Tudo geme e suspira, como exprime a última página do Apocalipse e, portanto, da Bíblia: «O Espírito e a esposa dizem: "Vem!" E quem ouvir, repita: "Vem!". Quem tem sede, venha; e que o homem de boa vontade receba, gratuitamente, a água da vida. (...) Aquele que atesta estas coisas diz: "Sim, eu venho depressa". Amém. Vem, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus esteja com todos». (Ap 22,17.20-21)

A castidade consagrada, a virgindade pelo Reino, não é uma renúncia ao casamento. Significa, ao invés, ter Cristo Senhor como único Esposo, e nisto, as pessoas que vivem o voto de castidade não são diferentes daquelas que vivem o caminho normal do matrimônio, porque toda a humanidade, mesmo sem saber, espera o eterno Esposo.

A Igreja é, no mundo, a Noiva que aguarda a vinda de Cristo. Nisto, a Igreja está unida ao coração de cada ser humano, é guardiã do desejo mais profundo de cada coração, e deseja Cristo para todos, e quer acolhê-lo agora até ao fim dos tempos, para toda a humanidade. Quem vive na castidade consagrada se une a cada coração humano, como sinal daquilo que cada cristão é chamado a ser na humanidade, como um fermento que faz fermentar toda a massa.

Ser conscientes desta dimensão profunda e universal da renúncia ao casamento, é essencial para não viver o voto de castidade de uma forma mesquinha e estéril. Tal como na pobreza que renunciamos aos nossos bens para viver dos bens do

mosteiro, na castidade renunciamos ao nosso casamento para viver do casamento da Igreja com Cristo, e renunciamos aos nossos filhos para sermos pais e mães dos filhos da Igreja. Renunciamos ao que é nosso, ao nosso interesse, para receber o que é infinito e beneficia a todos.

Recordo sempre a frase da *Carta Caritatis* dos primeiros Cistercienses, onde os pais fundadores expressam seu desejo de beneficiar os membros da Ordem e todos os filhos da Santa Igreja: "*Prodesse enim illis omnibusque sanctae Ecclesiae filiis cupientes*" (CC I,3). Só agora percebo que tal afirmação implica um desejo de fecundidade, de paternidade ou maternidade, que deriva da união com Cristo, Esposo da Igreja, com Cristo que vem para completar o tempo, convidando-nos para as núpcias, as núpcias do Cordeiro. Não se beneficia todos os filhos da santa Igreja, que é a humanidade inteira, sem uma castidade que pede somente a Cristo a fecundidade da própria vida, que espera de Cristo a realização de toda a vida e de toda a história. É uma fecundidade misteriosa, porque Cristo voltará no fim dos tempos, mas a fecundidade da sua vinda escatológica já se manifesta agora, porque a Igreja gera agora os filhos do seu divino e glorioso Esposo.

A virgindade pelo Reino é um sinal deste mistério, e está ao serviço da fecundidade de Cristo ao gerar os filhos do seu Pai, ao gerar os seus irmãos e irmãs no dom do Espírito Santo. Quando o Apocalipse termina com o clamor do Espírito e da noiva: "Vem, Senhor Jesus!", não devemos entender esta invocação final como um desejo pelo fim do mundo, que pede a vinda do Juiz universal. O Espírito e a Igreja pedem a Jesus que venha, para que a humanidade seja gerada agora, para a vida filial. Jesus virá no fim dos tempos, mas também veio nas bodas de Caná (cf. Jo 2,1-11), ou seja, vem na vida atual da humanidade, para transformá-la como água em vinho, para viver as núpcias com Cristo também dentro das núpcias humanas.

As bodas de Caná nos revela que também quem se casa, não pode viver uma verdadeira fecundidade de vida, uma verdadeira plenitude de relação matrimonial, nem sequer paterna ou materna, sem "convidar Jesus" (cf. Jo 2,2), sem desejar a vinda de Cristo. Há uma dimensão de castidade no matrimônio que, mais do que física, está no coração. Se trata de não esquecer que mesmo aqueles que são casados vivem no anseio de que o Esposo venha. Se não desejamos Cristo, a união com Ele, a relação com a esposa ou marido, ou a relação com a comunidade, ou com os superiores, não encontra realização, não tem consistência. Só Cristo é a plenitude de tudo.